

Comunicação e Memória: o testamento de um cientista

As crises de insuficiência renal, mal que se manifestara em 1907, começam a amiar-se. Em 1916, seu estado de saúde é precaríssimo. Retira-se para uma longa estada em Petrópolis, onde passa a cultivar rosas, cravos perfumados e hortênsias. Ele mesmo trata o terreno, planta, poda, faz enxertos. Leva uma vida tranqüila, sem agitações. Às refeições, segundo contava Sales Guerra, Oswaldo Cruz só se deixava tentar pela sobremesa, pelos doces e confeitos.

– Por cima da mesa de estudo, além de um belo busto de Pasteur, de flores renovadas diariamente (...) viam-se caixotes de porcelana esmaltada contendo confeitos, alguns perfumados, que ele trincava de vez em quando, no correr do trabalho.

A floricultura, no entanto, é insuficiente para ocupar-lhe a atenção, e o filho mais velho lhe sugere uma candidatura à recém-criada Prefeitura de Petrópolis. Oswaldo Cruz aceita, é eleito, começa a governar a cidade. Mas seu temperamento firme não o indicava para um cargo político. Começa a despertar uma torrente de antipatias. Por outro lado, a doença lhe afeta a visão e, em fevereiro de 1917, afasta-se do cargo.

São apenas 45 anos incompletos, mas a morte, inimigo que combatera toda a vida, reservou para si esta vitória. Na manhã de 11 de fevereiro **Oswaldo Cruz** entra em coma. Expira às 21 horas.

Numa letra trêmula, deixa gravadas as suas últimas vontades:

Desejo com sinceridade que se não cerque a minha morte com os atavios convencionais com que a sociedade revestiu o ato de nossa retirada do cenário da vida. Pelo respeito que voto ao pensar alheio, não quero capitular de ridículos esses atos. Julgo-os para mim completamente dispensáveis e espero que a família a quem tanto quero se conforme com esses inofensivos desejos que nasceram da maneira pela qual encaro a morte, fenômeno fisiológico naturalíssimo, ao qual nada escapa. Tão geral, tão normal, tão banal, que julgo absolutamente dispensável de frisá-la com cerimônias especiais. Por isso desejaria que se poupasse aos meus a cena da vestimenta do corpo, que bem pode ser envolvido em simples lençol. Nada de convites ou comunicações para enterro, nem missa de sétimo dia. Nem luto tampouco. Este se traz no coração e não nas roupas. Peço encarecidamente aos meus que não prolonguem o natural sentimento que trará a minha morte. Que passem, que se divirtam, que ajudem o tempo na benfazeja obra de fazer esquecer. Não há vantagem alguma de amargurar com lágrimas prolongadas os tão curtos dias de nossa existência. Portanto, que não usem roupas negras, que além de tudo são anti-higiências em nosso clima; que procurem diversões, teatros, festas, viagens, a fim de que desfaçam essa pequena nuvem que veio empanar a normalidade do viver de todos os dias. É preciso que nos conformemos com os ditames da natureza.

Sua morte, afinal, era apenas uma batalha perdida da vitoriosa guerra contra a doença.

(Personalidades, vol.50, Ed. Abril, p. 876.)

